

Atos de discurso, estratégias discursivas e figuração: histórias de vida em contexto de entrevista

ALMEIDA,
CARLA AURÉLIA DE
calmeida@uab.pt

PALAVRAS-CHAVE:
Análise Interacional;
estratégias discursivas;
figuração;
narrativas conversacionais.

KEYWORDS:
Interactional Analysis;
discursive strategies;
figuration;
conversational narratives.

Professora Auxiliar do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta, Portugal
Investigadora do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

RESUMO: Tendo por base um *corpus* de ‘histórias de vida’ realizadas em contexto institucional (Drew e Heritage, 1992) de entrevista, procedemos à análise semântica e pragmática deste discurso, descrevendo os atos de discurso e as estratégias discursivas que eles configuram com o objetivo de manutenção de uma *ordem interacional* (Goffman, 1987) institucional do discurso entre entrevistador e entrevistado. Na confluência de uma multiplicidade de orientações teóricas e metodológicas inscritas na Análise do Discurso, analisamos os fenómenos discursivos que revelam o *envolvimento conversacional* dos participantes: as repetições, a produção de reguladores discursivos, o funcionamento dos diminutivos e dos risos, as estratégias de autoseleção da vez com pré-sequências de pedido de autorização, as intervenções diretrizes e de relance e a construção de *identidades situadas*. Consideramos que o *espaço interacional* (Gumperz, 1989, p. 9), construído nestas interações, é fortemente *ritualizado* constituído por “trocas confirmativas” e “trocas reparadoras” (Goffman, 1987), que denotam um cuidadoso trabalho de *figuração* ao serviço da manutenção do *equilíbrio interacional* (Goffman, 1973, p. 65) entre as faces dos interlocutores

ABSTRACT: Based on a ‘life stories’ corpus held in a institutional interview context (Drew e Heritage, 1992), we proceeded to the semantic and pragmatic analysis of this speech, describing the speech acts and discursive strategies elaborated to maintain a institutional interaction order (Goffman, 1987) of speech between interviewer and interviewee. At the confluence of a variety of theoretical and methodological guidelines included in the Discourse Analysis, we analyze the discursive phenomenon that reveals the conversational involvement of the participants: the repetitions, the discursive regulators production, the function of diminutives and laughter, the self-selection order strategies with pre-sequences of authorization requests, and interventional immediate guidelines and the construction of situated identities. We consider that the interactional space (Gumperz, 1989, p. 9), built in these interactions and strongly ritualized is constituted of “confirmatory and remedial exchanges” (Goffman, 1987) which show a careful job of figuring for the interactional balance maintenance service (Goffman, 1973, p. 65th) between the faces of the interlocutors..

1. INTRODUÇÃO

Tendo por base um *corpus oral* constituído por *histórias de vida* e/ou *narrativas de experiência de vida* em contexto de entrevista, recolhidas no âmbito do projeto de investigação intitulado “A Formação do Quotidiano Operário: Sociedade, Economia e Cultura num Contexto (Des)Industrializado do Vale do Ave”¹, analisaremos as *estratégias discursivas* realizadas neste contexto de entrevista e procederemos à descrição dos processos de coconstrução do sentido desenvolvidos pelos participantes (Goffman, 1987, p. 81).

O enquadramento teórico da análise tem por base uma multiplicidade de linhas de orientação teórica que se inscrevem no âmbito da Análise do Discurso (Schiffrin, 1995; Schiffrin et al., 2001), da Pragmática das sequências discursivas (Fonseca, J. 1992; 1998), da Análise Interacional (Kerbrat-Orecchioni, 1998; Traverso, 1996; Heller, 2001) e da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1989).

No *espaço interacional* (Gumperz, 1989, p. 9) construído entre entrevistador e entrevistado, representantes institucionais de uma ordem social e institucional, verificaremos de que modo a realização de estratégias discursivas de colaboração permite a irrupção no oral de *histórias de vida ou narrativas de experiência de vida* com a ocorrência de dispositivos conversacionais específicos, como as hesitações, as repetições, e a coconstrução do sentido, aspetos que denotam um forte “envolvimento conversacional” (Gumperz, 1982, p. 2-3; Tannen, 1989) dos entrevistados.

Analisaremos o *dispositivo interlocutivo* desenvolvido pelos entrevistados, constituído por *trocas confirmativas* e *trocas reparadoras* com uma função essencialmente relacional que denotam um cuidado trabalho de figuração (“face work”, segundo Erving Goffman, 1973) com *estratégias discursivas de delicadeza positiva* (de valorização da face) e *estratégias de delicadeza negativa* (de evitação da ameaça), na linha de Brown e Levinson (1978; Kerbrat-Orecchioni, 1992, 2005) que coocorrem ora com atos que valorizam as faces do interlocutor (“Face Flattering Act = FFAs”), ora com atos mais ameaçadores do discurso (“Face Threatening Act =

1. Este projeto é constituído por uma equipa multidisciplinar que integra António Teixeira Fernandes, Bruno Monteiro, Carla Aurélia de Almeida, Ester Gomes da Silva, João Queirós, José Madureira Pinto, Maria Inês Coelho, Sandra Leitão e Virgílio Borges Pereira (Coordenador do Projeto). Projeto desenvolvido no Instituto de Sociologia da Faculdade Letras da Universidade do Porto com o apoio da Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave (ADRAVE).

FTAs”) ao serviço da manutenção do *equilíbrio interacional* (Goffman, 1973: 65) entre as faces dos interlocutores.

Analisaremos, assim, o dispositivo conversacional em situação de entrevista no *corpus* reunido: a sequência discursiva de pergunta-resposta (Rodrigues, 1998, p. 127), as *identidades situadas* (Zimmerman, 1998) que coocorrem com “sinais antiorientadores” ou “marcadores não verbais de distanciação” como o riso (Kerbrat-Orecchioni, 1987) e a ocorrência de diminutivos ora com função emotiva, ora como *mitigadores* (Fraser, 1980; Caffi, 2000) ou *suavizadores* (Kerbrat-Orecchioni, 2001) que fazem parte de uma *competência retórico-pragmática* dos interlocutores (Kerbrat-Orecchioni, 1986) e que visam “efeitos relacionais”.

Consideraremos ainda as sequências de justificação como “comentários de mitigação” (Laver, 1981), o funcionamento do pedido de autorização, o cálculo probabilístico dos valores ilocutórios de conselho e de censura e as estratégias de *realinhamento* (Goffman, 1987) desenvolvidas pelos participantes que denotam o trabalho de *figuração* (Goffman, 1987; Brown e Levinson, 1978).

Deste modo, estudaremos, a nível local, as *estratégias comunicativas* (Gumperz, 1982) específicas destes contextos e que permitem a irrupção no oral de “histórias de vida” ou “narrativas de experiência de vida” (Lacoste, 1986) e, a nível global ou macroestrutural, estudaremos a coerência pragmático-funcional do discurso que diz respeito fundamentalmente às dimensões sequenciais dos atos ilocutórios (Fonseca, 1992, p. 269).

A descrição da *construção do sentido* empreendida nas “histórias de vida” ou “narrativas de experiência de vida”, em situação de entrevista, permitir-nos-á fazer o levantamento das sequências de atos de discurso, das estratégias discursivas mais relevantes deste discurso oral interativo e analisar o *trabalho de figuração* que coocorre com a construção das identidades discursivas (Antaki; Widdicombe, 1998) e das *identidades situadas* (Zimmerman, 1998) relevantes para a ação comunicativa.

2. ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA INTERAÇÃO: A CONFLUÊNCIA DE ORIENTAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

No âmbito da Linguística do Uso e/ou do Funcionamento do Sistema (Fonseca, 1992) é conhecida a afirmação de que há uma grande diversidade de orientações teóricas e metodológicas que se inscrevem na Análise do Discurso (Fonseca, J., 1992, 1994; Schiffrin, 1995; Schiffrin *et al.* 2001; Wetherell *et al.* 2001). A este propósito D. Schiffrin, D. Tannen e Heidi Hamilton referem o seguinte: “As nossas próprias experiências no campo levam-nos à convicção de que a vastidão e a diversidade da Análise do Discurso é uma das suas grandes forças e não uma fraqueza” (2001, p. 5). Uma tal diversidade constitui “uma riqueza que advém da diversidade teórica e metodológica” (*Idem*). No entanto, apesar desta diversidade, saliente-se a contínua interação entre teoria e prática, a sua inseparabilidade, aspeto comum às diferentes orientações:

Isto tem origem na nossa convicção de que a teoria e os dados são inseparáveis e mutuamente enriquecedores: os conhecimentos teóricos são necessários para avançar a Análise do Discurso para além dos conhecimentos específicos fornecidos pelas ocorrências, ao mesmo tempo que a análise tem de estar assente em instâncias de linguagem verdadeiras, para que possa fornecer tanto restrições realistas, como bases empíricas para a construção teórica” (Schiffrin; Tannen; Hamilton, 2001, p. 7).

De um modo geral, a Análise do Discurso integra diferentes modelos teóricos que analisam o modo como os atores sociais exploram criativamente recursos discursivos e/ou linguísticos para realizar objetivos, localmente e a longo termo, conscientemente ou não (Heller, 2001, p. 261).

No seio destes modelos, podemos estabelecer relações teóricas entre a Análise Interacional ou Pragmática das Interações Verbais, a Análise Conversacional e a Sociolinguística Interacional.

A Análise Interacional estabelece a interseção entre as análises que têm por base a construção da compreensão humana do mundo, as condições que estão na base dessas interpretações e o papel destas últimas na *construção da ordem social* (Heller, 2001, p. 261).

Esta perspectiva evidencia a natureza interativa dos encontros, demonstrando o modo como os participantes organizam os tópicos e constroem uma imagem de si próprios no discurso (Amossy, 1999; cf. também van Dijk, 1985, p. 4).

Assim, a Análise Interacional estuda os processos de construção do sentido através do levantamento dos rituais verbais que organizam a interação nos momentos principais de abertura, de desenvolvimento e de fecho (Traverso, 1996) e analisa os atos de discurso em interação (Kerbrat-Orecchioni, 2001), considerando ainda as dimensões sequenciais abertas por valores ilocutórios específicos e a consequente interpretação do valor indireto dos atos de discurso (Kerbrat-Orecchioni, 1994)².

Na perspectiva da Análise Conversacional, procede-se à análise das *sequências discursivas* que estruturam o discurso verificando-se, igualmente, que “(...) o sentido comunicativo é coconstruído através da interação locutor/alocutário e emerge das expectativas e contingências sequenciais mutuamente reconhecidas que surgem no falar-em-interação” (Schiffrin, 2001, p. 67; cf. também o capítulo 11 de Schiffrin, 1995).

Torna-se interessante verificar que as perspectivas teóricas de E. Goffman sobre o trabalho da face ou *figuração*³ e a análise das H. Garfinkel sobre os processos de interpretação permitiram a emergência do modelo da Análise Conversacional:

A Análise Conversacional, desenvolvida por Harvey Sacks em associação com E. Schegloff e Gail Jefferson, emergiu no fim dos anos 1960 na interseção das perspectivas desenvolvidas por Goffman e Garfinkel. De Goffman, a Análise Conversacional retirou a noção de que falar na interação (‘talk-in-interaction’) é um domínio social fundamental que pode ser estudado como uma entidade institucional no seu pleno direito. De Garfinkel, veio a noção de que as práticas e procedimentos com os quais se produz e reconhece a fala são ‘etnométodos’ da conversa” (Heritage, 2001, p. 52).

2. A este propósito, cf. o estudo de Almeida (1998; 2000) dos atos de oferta e de convite em Português que demonstra a natureza sequencial destes atos “diretivos comissivos”, pois estes atos de discurso exigem a ratificação do alocutário revelando que o ato de resposta do alocutário (ora de aceitação, ora de recusa) é fundamental para a interpretação do valor ilocutório destes atos.

3. Segundo E. Goffman, o comportamento dos indivíduos, na interação verbal, é determinado essencialmente pela necessidade de não perder a face, quer se trate da face positiva, a saber, a necessidade de ser reconhecido e apreciado pelo outro (o seu narcisismo), quer da face negativa, isto é, a integridade do seu território. Deste modo, é do interesse de cada um dos interlocutores preservar a face do outro para não pôr em perigo a sua própria face e, por conseguinte, mesmo a mais breve conversação é aberta e fechada pelo «ritual reparador» como forma de manter o «equilíbrio entre as faces» (Goffman, 1974a).

Estamos perante perspetivas que têm por base a análise dos sentidos coconstruídos em interação (em diferentes contextos de uso) e que têm por base dados empíricos reais (Ochs; Schegloff; Thompson, 1999, p. 11).

As intenções dos falantes e as respostas da audiência voltaram gradualmente à teoria semântica por via da pragmática e da teoria dos atos de discurso. As investigações sobre a fala em contextos reais revelaram a necessidade de considerar objetivos interacionais e a relação interlocutiva dos participantes conversacionais na descrição do sentido (Norrick, 2001, p. 78).

Por seu lado, no âmbito da Sociolinguística Interacional, J. Gumperz ilustra as propriedades da interação, salientando que a negociação dos sentidos (a construção conjunta da interpretação) tem por base *pistas de contextualização* interpretadas pelos interlocutores (Gumperz, 1982, p. 5).

A perspetiva da Sociolinguística Interacional tem, assim, como enfoque analítico *as atividades comunicativas* (Levinson, 1978) realizadas em diversos contextos de uso e definidas da seguinte forma:

Uma atividade comunicativa consiste num conjunto de relações sociais que operam em torno de um conjunto de esquemas em relação a um *determinado objetivo comunicativo*. A atividade discursiva pode caracterizar-se por fases descritivas (...); tais descrições significam determinadas expectativas sobre a progressão temática, as regras relativamente à vez de elocução, a forma, e o resultado da interação, bem como restrições relativamente ao conteúdo (Gumperz, 1982, p. 166).

As atividades comunicativas confirmadas, modificadas ou rejeitadas pelos interactantes são analisadas através do levantamento das *estratégias discursivas*, por eles selecionadas, em função de fatores como idade, sexo, identidade, grau de solidariedade ou de intimidade. Trata-se, pois, de uma teoria geral das *estratégias discursivas* desenvolvidas pelos interlocutores salientando a natureza comunicativa dos processos interpretativos:

Uma teoria geral das estratégias do discurso deve portanto começar por especificar quais são os conhecimentos linguísticos e socioculturais que é preciso partilhar para manter um *envolvimento conversacional*, e tratar, de seguida, o que constitui a própria natureza da inferência conversacional, o que faz a especificidade cultural, sub-cultural e situacional da interpretação” (Gumperz, 1989, p. 2).

Na base da análise está o estudo dos atos de discurso em interação, o cálculo dos valores indiretos na sequencialidade discursiva e o modo como estas estratégias inferenciais possibilitam a realização de ações conversacionais conjuntas específicas de contextos institucionais da interação (Gumperz, 1980, p. 102) e criam o “envolvimento conversacional” dos participantes na interação.

De acordo com D. Tannen, a noção de “envolvimento conversacional” enfatiza a natureza interativa da interação conversacional e tem por base a perspectiva teórica de que a conversação é uma “produção conjunta”, pondo a tónica no papel ativo do alocutário que interpreta e dá forma ao discurso do locutor, isto é, o alocutário como um colocutor e realça a coconstrução do discurso realizada pelos participantes na interação (1989, p.13).

Deste modo, tendo por base os desenvolvimentos analíticos destes modelos teóricos, é nosso objetivo considerar as condicionantes socioculturais na produção e receção de sentido (Gumperz, 1982, p. 153; 1989, p. 2), os atos de discurso indiretos na sequencialidade do discurso (Schegloff, 1988), a análise dos dispositivos de sequencialização discursiva que facilitam o trabalho interpretativo, o cálculo das inferências conversacionais que garantem a criação de coerências semântico-pragmáticas inter e intradiscursivas e o “envolvimento conversacional” (Gumperz, 1982, p. 2-3) e/ou “envolvimento interativo” (Tannen; Wallat, 1993; Tannen, 2001, p. 157).

3. FIGURAÇÃO E QUADROS INTERACIONAIS

Retomando a análise de O. Ducrot (1980), o ato ilocutório baseia-se em convenções do tipo “jurídico”, a sua legitimidade diz respeito não só aos aspetos prévios do ilocutório, i. e., às suas condições de realização (“condições de felicidade” de Searle, 1984), mas também aos seus “efeitos”, à sua pós-história: “Porque toda a fala se constitui como tendo de ser continuada, como impondo uma certa continuação, que pode consistir ela própria em palavras, em atos, ou em atitudes intelectuais” (Ducrot, 1980, p. 32).

Toda a fala constitui-se como uma alocação (Fonseca, 1992). Neste “jogo mútuo” (Goffman, 1987, p. 82), o locutor e o alocutário têm de assumir o seu papel com precaução, tendo em conta não só os aspetos relativos à face dos interactantes (processos de *figuração* ou “face work” de Goffman), como os princípios ou máximas de Grice (1975) que permitem o cálculo inferencial.

Os processos de *figuração*, ao permitirem atenuar ou mitigar as ameaças potenciais das faces dos participantes, asseguram um desenvolvimento, o mais satisfatório possível, da interação e, por conseguinte, determinam a *estrutura* do discurso e estabelecem a relação interlocutiva (*deixis* social). Não raro os participantes desenvolvem estratégias discursivas de delicadeza negativa (estratégias para evitar a ameaça) e estratégias discursivas de delicadeza positiva (estratégias de valorização) de uma das faces do outro (Brown e Levinson, 1978)⁴.

Neste sentido, os “constrangimentos rituais”, referidos por Goffman, *exigem que os participantes se ratifiquem oficialmente* como intervenientes aceites num processo de comunicação, situando-os numa relação de força que se joga e/ou desempenha (1987, p. 50).

E. Goffman faz um estudo microanalítico do discurso real produzido na interação. Para Goffman, o conceito de *quadro interacional* diz respeito aos “alinhamentos” (“footings”)⁵ que as pessoas assumem umas em relação às outras, permitindo a negociação das relações interpessoais e a constituição dos próprios eventos comunicativos:

os participantes são obrigados a procurar não tantos modos de se exprimirem como modos de assegurarem que os enormes recursos expressivos da interação face a face não sirvam por inadvertência a transmitir alguma coisa inconveniente. Desejosos de preservar a face de cada um, eles acabam assim por agir de tal modo que eles preservam *a ordem da comunicação*” (1974b, p. 25-26).

4. O CORPUS DE ENTREVISTAS CONSTITUÍDO

O *corpus* de entrevistas foi recolhido e transcrito em 2009 e 2010, representativo de um “*discurso interativo oral*” (Bronckart, 1996). A transcrição do *corpus* teve por base o sistema de nota-

4. Sobre o estabelecimento da relação interpessoal e a realização da delicadeza em interações verbais na rádio, cf. Almeida (2009; 2010a). Cf. também Almeida (2005).

5. A noção de “footing” de Goffman diz respeito a “(...) outra forma de falar sobre uma alteração no nosso quadro dos eventos (...) uma alteração no alinhamento que assumimos para nós próprios e para os demais presentes e que se expressa na forma como gerimos a produção ou receção de uma elocução” (1974b, p. 128). Cf. a análise realizada por J. Heritage (2001, p. 48-49) sobre a teorização de Erving Goffman.

ção da transcrição ortográfica utilizado na Linguística do Corpus Oral de Portugal (Bacelar, 1987; 1996). O corpus é constituído por 23 entrevistas de duas horas e meia cada uma, delimitando-se uma amostra organizada segundo parâmetros como sexo, idade e grupo sócio-profissional, tendo por base um inquérito geral a 904 indivíduos. Não obstante este enquadramento, a orientação teórica e metodológica de análise do discurso das entrevistas enfatiza sobretudo questões de índole qualitativa.

A realização de 23 entrevistas de terreno em duas freguesias do Norte de Portugal, freguesias de Riba de Ave e de Oliveira de São Mateus (Vila Nova de Famalicão), visou aprofundar alguns dos eixos analíticos contemplados nos inquéritos. O guião em causa foi concebido de acordo com os seguintes temas: caracterização da relação com trabalho; o retrato da escola; a casa e a descrição da vida familiar; as relações sociais no interior do contexto de trabalho; as relações de vizinhança e os processos de identificação com o contexto local; as principais vivências do período de reforma e/ou desemprego; os momentos de emigração e as principais disposições/vivências políticas e religiosas. Realizaram-se contatos com outras entidades locais com vista à recolha de testemunhos complementares. Percorre o discurso dos entrevistados a referência constante ao desemprego e às razões desta situação: *encerramento de empresa* (>50%), *despedimento* (>=20%). O contexto dos entrevistados é constituído por um tecido social onde a taxa de desemprego é elevada (em Oliveira de São Mateus é de 25% e a taxa de desemprego em Riba de Ave é de 23%).

As trocas discursivas nestas entrevistas são diversificadas: dialogais, trilogais e polilogais (Kerbrat-Orecchioni, 2004). Os entrevistados analisados pertencem ao Operariado Industrial.

5. ASPETOS DISCURSIVOS DAS HISTÓRIAS DE VIDA EM CONTEXTO DE ENTREVISTA

No quadro interacional constituído pelos entrevistadores e entrevistados, verificamos que, nestes contextos interativos e interlocutivos, os participantes acionam um sistema de práticas, de convenções sociais e de regras de procedimento discursivo que organizam o *fluxo temático* das interações.

Na análise do funcionamento das “histórias faladas” (Tannen, 1986: 323) que ocorrem em situação de entrevista, teremos em conta, a nível global, o modo como estas narrativas contribuem para a construção de uma “arquitetura de intersubjetividade” (Heritage, 1984) com base na relação entre as sequências de atos ilocutórios que constituem o texto oral narrativo e, a nível local, procederemos ao levantamento das estratégias discursivas que coocorrem no texto narrativo oral reveladoras do “envolvimento conversacional” (Tannen, 1989) e do papel social das “narrativas de experiência de vida” (Coupland; Jaworski, 2003).

5.1. A COCONSTRUÇÃO DO SENTIDO: AS REPETIÇÕES E A PRODUÇÃO DE “REGULADORES DISCURSIVOS VOCAIS E VERBAIS”

As *narrativas de experiência de vida* que ocorrem em situação de entrevista (cf. Labov; Waletzky, 1967 apud Schiffrin, 2006) apresentam aspetos formais específicos: as repetições, os enunciados em simultâneo são fenómenos discursivos que denotam a construção conjunta (a coconstrução) do texto conversacional e/ou “envolvimento conversacional” (Tannen, 1989), a colaboração não só entre entrevistador e entrevistados, mas também entre entrevistados nas entrevistas trilógicas (com dois entrevistados em simultâneo e um entrevistador).

Entre os aspetos formais analisados na situação de entrevista e que denotam também o *envolvimento conversacional*, encontramos a produção de “reguladores discursivos vocais e verbais” (de Gaulmyn, 1987) ou “continuadores” (Schegloff, 1988).

Estes aspetos formais são característicos do oral que apresenta não só aspetos sintáticos do português falado como as repetições lexicais, as repetições de estruturas sintáticas e hesitações motivadas por fenómenos de autocorreção (Bacelar *et al.*, 1987), mas também aspetos semânticos e pragmáticos das interações, estes últimos com “um enfoque teórico e metodológico distinto” dos primeiros (*Idem*).

Atentemos no seguinte excerto de uma entrevista com três participantes:

D: Entrevista RdA 1 MIC; Tipo: Inquiridos: Entrevistados: e1marido e e2 mulher; Data: 28 de setembro de 2010; Local: Riba de Ave (Zona de São Roque), Entrevistador (= E) do sexo feminino

E: Exato. Pronto eh como é que os dois caracterizavam, na altura, eh o primeiro, a entrada na fábrica, como é que foi esse primeiro emprego?

e1: Eh eu...

e2: Naquela altura, a Sampaio Ferreira chegou a ter três mil pessoas.

e1: Três mil pessoas.

e2: Três mil pessoas!

e1: Eu quando entrei, na verdade, na Sampaio Ferreira andei primeiro a fazer uns, uns recados, depois fui para o armazém.

e2: (...)

e1: Trabalhei na secção de amostras, não é. Por ali fiquei. Gostei imenso, do trabalho de fazer os mostruários para, portanto, depois o viajante ir vender, não é.

E: Sim, sim.

e1: E eh...

e2: Nessa altura não faltava trabalho.

e1: Não faltava trabalho, na verdade. E até eh todas as pessoas eh tinham trabalho, pronto. Era uma azáfama terrível. De manhã, ao meio dia, à tarde, à noite. Muito, muito concorrido eh a zona de Riba de Ave. Depois, mais tarde, foi a minha esposa, não é.

e2: Depois até vieram os segundos turnos.

(...)

e1: Casámos e fui para a Alemanha. Portanto...

E: Hum, hum. E como é que o senhor arranjou trabalho na Sampaio Ferreira? Como é que o conseguiu obter?

Verificamos a ocorrência de repetições realizadas pelos dois entrevistados, marido e mulher: “e1: Três mil pessoas. / e2: Três mil pessoas!” “e2: Nessa altura não faltava trabalho. / e1: Não faltava trabalho, na verdade”. Estas repetições constituem estratégias de cooperação e/ou

colaboração (Tannen, 2001; Coates, 1996; 2003), fenômenos discursivos que demonstram a construção conjunta do texto conversacional ou “envolvimento conversacional” na interação. Por seu lado, o entrevistador revela a escuta atenta com a produção de reguladores discursivos vocais como “hum, hum” que permitem ceder a vez de elocução (“turn”) aos entrevistados.

No caso das entrevistas com dois entrevistados em simultâneo, verifica-se, assim, uma estrutura de vezes de elocução *localmente construída* pelos dois participantes com a ocorrência de sinais verbais e não verbais .

5.2. O ENVOLVIMENTO CONVERSACIONAL: OS DIMINUTIVOS E OS RISOS

O envolvimento conversacional dos participantes é demonstrado também pela ocorrência reiterada de diminutivos ora com valor afetivo, ora como mitigadores ao serviço da modalização epistémica do conteúdo proposicional proferido nas asserções dos entrevistados. Atentemos na entrevista com dois entrevistados, marido e mulher:

ID: Entrevista RdA 1 MIC

Tipo: Inquiridos

Entrevistados: marido e mulher

Data: 28 de setembro de 2010

Local: Riba de Ave (Zona de São Roque)

e1: Pronto, mas naquela altura...

e2: Mas, naquela altura, claro, a gente passava uma fome. Que passávamos todos fome naquela altura...

E: **Hum, hum.**

e2: E sei que havia a **criadinha** que todos os dias ia lhe levar o **leitinho**...

e1: (...).

e2: No inverno. Aquilo passava, a cevada ou o café ou lá o que era aquilo. Passava no nosso corredor para a secretária. E nós estávamos a escrever. Passava o leite. Batiam à porta: “Quem é? Entra fulana!”, ela lá **entrava, Nicas, era Nicas e, claro, pousava aquilo. Quando ela fosse a tirar o bule,**

aquele cheirinho. Nós erguíamos a cabeça, aquele **cheirinho**: “Que é que foi minhas lambonas? Nunca vistes? Café com leite!”. Então é que gente ficava. [**risos**]

e1: Pronto e tu...

e2: Ficava ougada. E, olhe, depois para a minha filha...

e1: **Fantástica.**

Verifica-se, neste exemplo, a ocorrência de sinais vocais de escuta atenta por parte do entrevistador (“Hum, hum”), o uso do diminutivo “*criadinha*”, “*leitinho*”, “*cheirinho*” e a repetição do segmento “aquele cheirinho” com funções ao nível do afeto, do “envolvimento conversacional” (Pedro, 1993) e a colaboração entre interlocutores: o locutor e1 assume a sua vez de elocução completando o sentido da asserção de e2 através de uma estratégia inferencial. Assim, a asserção avaliativa “*Fantástica*” completa o sentido do enunciado que tinha ficado suspenso.

Na reprodução do diálogo, a face positiva da entrevistada e2 sofre um processo de degradação com a asserção avaliativa “minhas lambonas” proferida pela professora primária e, por isso, se verifica a ocorrência dos risos como “sinais antiorientadores” (Kerbrat-Orecchioni, 1987; 2004) da ameaça da face positiva da entrevistada: “*Que é que foi minhas lambonas? Nunca vistes? Café com leite!*”. Então é que gente ficava. [**risos**]

Ocorrem também diminutivos⁶ que estão ao serviço da lei da modéstia e que visam não valorizar demasiado a face positiva do próprio locutor que produz atos de autoelogio (Kerbrat-Orecchioni, 1992):

D: Entrevista RdA 1 MIC

Tipo: Inquiridos

Entrevistados: A. G. e L. G.

Data: 28 de setembro de 2010

Local: Riba de Ave (Zona de São Roque)

e2: Era, e os meninos era o “home amigo”. O “home amigo”.

->e1: O “home amigo” lá partiu... É, como eu digo, nós esta nossa **casinha** é outra coisa do que viver num apartamento.

6. Sobre o uso dos diminutivos na expressão de delicadeza em grego e em inglês, ver Maria Sifianou (1992). Sobre o papel dos risos em interações na rádio, cf. Almeida, 2010a.

e2: É.

e1: Pronto, não há barulho. [risos] Estamos aqui...

A ocorrência do diminutivo “casinha” no ato de elogio realizado por e1 – “nós esta nossa casinha é outra coisa do que viver num apartamento” – constitui uma estratégia de delicadeza positiva (de valorização) da própria face positiva de e1 que se valoriza com a habitação numa casa independente. No quadro da lei da modéstia que, convencionalmente, exige que os interlocutores não exaltem demasiado a sua própria face, ocorre o diminutivo como minimizador deste autoelogio, pois este ato atinge, como movimento inverso, a desvalorização implícita da face do alocutário destes atos (Kerbrat-Orecchioni, 2005, p. 202)⁷.

7. Sobre o ato de elogio em interações verbais na rádio, cf. Almeida, 2010b.

5.3. ESTRATÉGIAS DE ALINHAMENTO: A GESTÃO DA VEZ DE ELOCUÇÃO (MANUTENÇÃO DA “ORDEM INTERACIONAL”)

As “estratégias de alinhamento” possibilitam a retoma de uma intervenção interrompida e a manutenção do *fluxo de progressão temática* (Traverso, 1996), reorientando os rumos discursivos, evitando as digressões temáticas e mantendo a *coerência temática*, recompondo interrupções e contribuindo para a manutenção da *ordem interacional* da conversação. Estes fenómenos discursivos revelam as emoções na interação (Plantin *et al.*, 2000) e denotam um forte “envolvimento conversacional” (Tannen, 1989: 11; Gumperz, 1982: 2-3) dos participantes nas trocas discursivas.

Tendo por base a situação de entrevista, D. Schiffrin, na linha de Goffman, analisa os alinhamentos e realinhamentos mútuos dos participantes que as trocas pergunta-resposta abrem no contexto de entrevista e conclui que o “enquadramento de participação” guia os participantes no seu trabalho (1993, p. 255) atribuindo *coerência* à sequencialidade das trocas discursivas

Esta análise da posição ou *lugar* que as intervenções ocupam na *sintagmática conversa-*

8. Cf. a seguinte afirmação de Joaquim Fonseca: “Opera de modo saliente um princípio fundador de todo o discurso - o princípio da coerência - trabalho (suporte) de cálculo interpretativo / trabalho de produção” (1992, p. 248).

9. Uma análise dos atos diretivos de pedido e do pedido de autorização foi apresentada em Almeida, 1998 e Almeida, 2000 onde procedemos a uma análise semântica e pragmática dos atos de oferta e de convite, por um lado, em confronto com aqueles atos diretivos e, por outro lado, em relação com os atos promissivos ou comissivos. Na linha de Mitchell (1981), verificamos que com atos de oferta e de pedido, “o locutor procura saber e/ ou negociar, respetivamente, a vontade e a disponibilidade do alocutário (Almeida, 1998, p. 168).

cional (Kerbrat-Orecchioni, 1998, p. 196) permite verificar que os participantes atribuem *coerência*⁸ não apenas ao nível do tópico (mantendo a continuidade referencial), mas também relativamente à organização sequencial da interação, respeitando a vez de elocução e analisando as intervenções que possibilitam aos entrevistados assumirem a vez de elocução.

Assim, não raro, em entrevistas trilógicas, os entrevistados realizam atos de pedido de permissão cortês e/ou atos de *pedido de autorização* (Mitchell, 1981) que constituem pré-sequências que preparam a entrada na troca discursiva. Estes atos são mitigadores ou *suavizadores* (Kerbrat-Orecchioni, 2001) atenuando uma intromissão no fluxo da progressão temática da interação:

ID: Entrevista RdA 13 MIC; Tipo: Inquiridos

Entrevistados: C. M.; Data: 23/11/ 2010; Local: Riba de Ave (Zona de Sampaio Ferreira);E: sexo feminino

e1: C. M.; e2: (filha); e3: (irmã)

E: E quais são assim os espaços de referência de Riba de Ave? Quais acha que são eh, eh a cara de [risos] de Riba de Ave?

e: Não sei.

→ [Pedido de permissão] e3: Eu posso dar a minha opinião? Não há problema?

[Aceitação/ autorização] E: Não, esteja à vontade.

O conteúdo proposicional do ato de pedido diz respeito a um ato futuro Q do alocutário enquanto que com um ato de *pedido de autorização*, o locutor demonstra, no conteúdo proposicional deste ato, a sua vontade (“volição positiva”) de que ele próprio realize a ação futura Q. Com este ato, o locutor realiza um complexo ilocutório com duas dimensões: uma dimensão *volitiva* “eu quero dar uma opinião” e interroga a *disponibilidade* do entrevistador em aceitar “Não há problema?”⁹.

Trata-se de uma negociação de entrada no quadro de participação que possibilita ao entrevistador autorizar (“Não [há problema], esteja à vontade”) que e3 se torne um participante *ratificado* da interação e possa assim iniciar a narração da sua própria *história de vida*.

No *corpus* de entrevistas em análise, verificamos também que é frequente a realização de *intervenções diretrizes* como *estratégias de alinhamento* com um caráter metadiscursivo, remetendo para o modo como o tema vai ser encadeado e permitindo a organização temática, reorientando o rumo discursivo das intervenções dos entrevistados:

Operária têxtil desempregada; Fernanda (nome fictício) , setembro de 2009

Entrevistador- E foi mudando de tarefas, de funções...?

(...)

Fernanda (nome fictício): Apareceu uma senhora ainda há pouco tempo ali de Lousado. Queria uma pessoa interna, pra estar lá de noite e de dia, sempre. Eu, por mim, até sou sincera, até aceitava o emprego, que eu estou tão desesperada de estar dentro dum apartamento que a pessoa dá em maluca. Até aceitava o emprego, mas pus-me assim a pensar: «Eu sou casada, tenho marido, eu vou pra uma casa de noite e de dia trabalhar e o meu marido fica aqui sozinho a olhar pràs paredes? Não». Isto não é vida! Embora precise muito de dinheiro, mas não é solução. E é isto tudo...

->Entrevistador- Depois vamos voltar a essas questões da procura de emprego, mas ainda antes disso... Na altura, quando era praticamente ainda uma criança e começou a trabalhar, havia muito emprego e...

ID: Entrevista RdA 13 MIC;

Tipo: Inquiridos; Entrevistados: C. Meireles;

Data: 23/11/2010;

Local: Riba de Ave

(Zona de Sampaio Ferreira)

Entrevistador: sexo feminino; e1: C. M.; e2: (filha); e3: (irmã)

E: Claro, claro.

(...)

e1: E digo logo. Quando alguém diz: “Hoje atrasaste-te”, “Tenho chefe.”

->E: Hum, hum. Podia-me agora dizer, como é que foi, uma vez que já lá está há vinte e cinco anos, como é que foi a evolução da relação entre os trabalhadores e a entidade patronal? Por exemplo, eh a fábrica sempre foi um espaço de consensos, de conflitos? Uma vez que a FILOBRANCA passou por diferentes fases.

Dada a variedade de temas analisados e os constantes desvios no *fluxo de progressão temática* dos relatos dos entrevistados, não raro, o entrevistador, para reorientar o discurso do entrevistado, produz *intervenções de relance do tema* através de uma pergunta indireta:

ID: Entrevista RdA 13 MIC;

Tipo: Inquiridos;

Entrevistados: C. M.;

Data: 23/11/ 2010

Local: Riba de Ave

(Zona de Sampaio Ferreira)

Entrevistador: feminino

e1: C. M.; e2: (filha); e3: (irmã)

e1: Agora perdi-me no raciocínio.

->E: Eu estava-lhe a perguntar se havia inicialmente uma relação mais distante com a entidade patronal do que agora. Penso, presumo eu, não é.

A pergunta indireta “*Eu estava-lhe a perguntar se havia inicialmente uma relação mais distante com a entidade patronal do que agora*” é seguida de uma pergunta-tag “*não é*” que constitui uma *estratégia de apelo ao consenso* (André-Larochebouvy, 1984, p. 101) e uma forma de mitigar o valor epistémico explicitado no conteúdo proposicional da pergunta indireta: “*Penso, presumo eu, não é*”.

A realização de perguntas indiretas constitui uma forma de o entrevistador orientar o rumo discursivo e, por esse motivo, é pertinente a realização de mitigadores como “*penso eu*”, “*presumo eu*” e de perguntas-tag “*não é*”. De acordo com Bruce Fraser, a produção da pergunta-tag (“*Tag Questions*”) constitui um dispositivo que permite a *mitigação* da força ilocutória de atos de discurso específicos como a asserção (“*um modo suave de realizar uma asserção*”, segundo Fraser, 1980, p. 349), possibilitando o *equilíbrio ritual* das faces dos interactantes.

A pergunta indireta constitui uma estratégia argumentativa de orientação dos sentidos do discurso, funcionando pragmaticamente como uma asserção que carece de validação/ratificação por parte do alocutário/entrevistado¹⁰ Deste modo, o entrevistador atenua a ameaça potencial da face negativa do entrevistador (o seu território) realizada através de um ato de pergunta com a produção de diversos “atenuadores” ou “mitigadores” do discurso.

10. Para uma análise da sequência discursiva “pergunta-resposta” em Português, cf. o estudo de Carapinha Rodrigues, 1998.

5.4. AÇÕES DO ENTREVISTADO: SEGMENTOS EM DISCURSO DIRETO JUSTAPOSTOS

Michèle Lacoste refere que as narrativas (breves) orais que ocorrem em situação de entrevista revelam o “envolvimento conversacional” através de “(...) critérios discursivos formais: ‘tomadas de iniciativa’ e não estrita resposta a perguntas realizadas; variedade de temas abordados” (1986, p. 52). O dispositivo de relatar os acontecimentos é feito com segmentos em discurso direto justapostos que ocorrem em relatos de discurso indireto (cf. Bacelar, 1987, p. 118):

ID: Entrevista RdA 13 MIC;

Tipo: Inquiridos;

Entrevistados: C. M.;

Data: 23/11/ 2010

Local: Riba de Ave

(Zona de Sampaio Ferreira)

Entrevistador: feminino

e1: C. M.; e2: (filha); e3: (irmã)

e1: Sim. Embora, é assim, mesmo com a minha irmã a trabalhar lá pra mim o meu... Eu tinha que trabalhar à mesma. Mesmo quando eles despedem pessoas, eu tenho colegas minhas que dizem assim: “Ai a próxima sou eu.” e não sei quê. E eu já tenho dito: “É assim, não é a próxima és tu ou a próxima és tu. A próxima também posso ser eu.”, “Tu não.”, “Porquê?”, “Ai porque és a única que sabes fazer isso.”, “Ó minha filha, eu sei. Outra aprende se for o caso.” Não é por aí.

E: Hum, hum.

e1: Eh eu acho que estou a fugir à pergunta...

E: Não, não.

e1: Agora perdi-me no raciocínio.

Verifica-se a reprodução do diálogo em segmentos justapostos: e1 “Tu não.”, “Porquê?”, “Ai porque és a única que sabes fazer isso.”, “Ó minha filha, eu sei. Outra aprende se for o caso”. Segundo Deborah Tannen, o diálogo que ocorre na produção de narrativas para relatar experiências “é mais vivido devido à criação de vozes ou à imaginação de uma cena na qual os personagens falam nessas vozes (...)” (1989, p. 26); esta convocação de vozes no discurso realça o valor testemunhal, vivido destes relatos.

5.5. A COCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SITUADAS EM HISTÓRIAS DE VIDA

Zimmerman refere, na linha de Harvey Sacks, e no âmbito da Análise Conversacional, que os participantes assumem *identidades discursivas associadas ao dispositivo conversacional*, como por exemplo, entrevistador e entrevistado que permitem a realização de tarefas como perguntar e responder. Para além destas identidades, os participantes realizam *identidades situadas* (Zimmerman, 1998) orientadas pelas posições institucionais que assumem.

No *corpus* de entrevistas em análise, as posições institucionais dos entrevistados perante a Escola e o Trabalho criam a construção de uma imagem institucional dos entrevistados caracterizada pela pobreza, a fome, o insucesso na Escola, a desvantagem social e o conformismo.

A construção de *identidades situadas* dos entrevistados com valor testemunhal como assumindo institucionalmente uma posição desfavorecida exige a constante realização de intervenções com a coocorrência de risos como “marcadores não verbais de distanciação” (Kerbrat-Orecchioni, 1987: 17) ao serviço da mitigação e/ou atenuação da ameaça potencial da própria face positiva dos locutores/entrevistados:

ALMEIDA, CARLA AURÉLIA DE; ATOS DE DISCURSO, ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E FIGURAÇÃO:
HISTÓRIAS DE VIDA EM CONTEXTO DE ENTREVISTA

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 1, ANO 2012, PP. 9-38

ID: Entrevista RdA 1 MIC;Tipo: Inquiridos; Entrevistados: marido e mulher

Data: 28 de setembro de 2010; Local: Riba de Ave (Zona de São Roque)

e2: É. E eu depois de vir da Alemanha, passado uns anos bons, paí uns dez anos, eu disse ao meu homem: “Eu gostava de conhecer Castro Daire, que ela falava-me tanto.” “Ainda daí que eu vou-te levar.” Lá fui mas não dei com a casa dela. **De certo vou procurá-la no cemitério.** [risos]

(...)

e2: Ainda me batia às vezes lá em casa porque não fazia bem a cama. **Era burra.** [risos]

(...)

ID: Entrevista RdA 1 MIC;Tipo: Inquiridos; Entrevistados: marido e mulher

Data: 28 de setembro de 2010; Local: Riba de Ave (Zona de São Roque)

e2: Gosto. Gosto. Gostava de ter outras coisas, gostava de ter outros, outros móveis, outras coisas...

E: Hum, hum.

e2: Mas não posso. [risos]

Perante segmentos de tom mais polémico, os entrevistados e a entrevistadora assumem um tom mais coloquial sempre com a coocorrência dos risos de ambos como *marcadores não verbais de distanciação* (Kerbrat-Orecchioni, 1987, p. 17) perante a transgressão do que não deve ser dito em situação institucional de entrevista:

ID: Entrevista RdA 1 MIC;Tipo: Inquiridos; Entrevistados: marido e mulher

Data: 28 de setembro de 2010; Local: Riba de Ave (Zona de São Roque)

e2: Era uma pessoa fantástica. E depois quando soube que ele traiu a mulher deixei de gostar dele.

e1: [risos]/E: [risos]

(...)e1: Não vês que está a gravar! Já viste?/e2: Olha o homem... Está a gravar?/E: Está, está./e1: Ai Jesus tire isso!

E: Eu depois eu tiro não se preocupe! [risos]/e2: [risos]

Este mesmo aspeto da construção do *envolvimento*, permitido pela produção de “narrativas orais”, é salientado pelo estudo de Justine Coupland e Adam Jaworski (2003) que refere o papel social e afetivo das “narrativas de experiência de vida”, com a realização de momentos de

transgressão e de intimidade: “E depois quando soube que ele traiu a mulher deixei de gostar dele”. A transgressão é revelada pelo ato de censura “Não vês que está a gravar! Já viste?” de e1.

Não raro, os entrevistados revelam o afastamento em relação à Escola e a construção desta *identidade situada* exige a ocorrência de segmentos de justificação que constituem “comentários de mitigação” (Laver, 1981) ao serviço da atenuação da ameaça (“troca reparadora”, segundo Goffman), isto é, como uma estratégia de delicadeza negativa (de evitação da ameaça) da própria face positiva:

ID: Entrevista RdA 13 MIC; Tipo: Inquiridos

Entrevistados: C. M.; Data: 23/11/ 2010; Local: Riba de Ave (Zona de Sampaio Ferreira);E: sexo feminino

e1: C. M.; e2: (filha); e3: (irmã)

e: Tapa os ouvidos. [*diz para a filha*] **Faltei muitas vezes às aulas porque hoje não estava, ai por favor, eu hoje não tenho cabeça... Porque às vezes era complicado. Cheguei a faltar muitas vezes por causa do trabalho.**

E: Claro, claro.

Jonh Gumperz refere que as interpretações do valor comunicativo das sequências de atos de discurso são negociadas em conjunto pelo locutor e pelo alocutário, e as apreciações ou são confirmadas ou alteradas pelas reações que evocam – não têm de ser inferidas com base em apenas uma elocução; as conversas em si contêm frequentemente indícios internos quanto ao seu resultado, i.e., se os participantes partilham, ou não, convenções interpretativas ou são bem sucedidos em atingir os seus fins comunicativos (1982, p. 5).

Atentemos no seguinte excerto de uma entrevista que demonstra esta não coincidência entre *convenções interpretativas* e como a construção de *identidades situadas* em situação de Centro de Emprego pode gerar atos ameaçadores das faces dos interactantes:

Operária têxtil desempregada; Fernanda (nome fictício), setembro de 2009

E- *Claro. Isso também desmoraliza.*

Fernanda: Ui, isto põe uma pessoa duma maneira que nem imagina! Ainda não vai há muito que fui pedir um emprego aí a um sítio... Olhe, eu até cheguei lá e disse-lhe: «Olhe, o senhor não precisa aí de pessoal pra trabalhar?». Disseram-me, eu fui lá porque me disseram que precisava de pessoal pra limpezas ali no Hospital, aqui no Hospital, e então ele disse: «Ó minha senhora, precisar parece que até se precisa. Vá falar...» com fulano. E eu fui lá a um gabinetezinho, fui falar... É por isso que, digo eu, há pessoas que a gente fica marcada pra toda a vida. Eu fui lá e disse. «O que é que queria? É pra limpeza?». «Era». «E a senhora quantos anos tem?». E eu disse: «Olhe, tenho cinquenta e três anos». **E diz ele: «Ó minha senhora, vá por aí abaixo devagarinho, pela beira, vá ao lar dar o nome, que você precisa daqui a pouco ir prò lar».** Olhe que isto deixa as pessoas... Eu nem lhe digo! Nem lhe digo! Deus me livre! É por isso que eu digo, eu tenho muito... mas mesmo muitas saudades do tempo que eu era mocita nova, que a gente saía dum lado e metia-se noutra com o estalar dos dedos. Isto agora está duma maneira que olhe... E depois, é assim: quem tem fábricas, depois também escolhe as pessoas à maneira que quer, porque isto está tão difícil, o emprego está tão difícil... eles aproveitam-se dessa situação... E essas pessoas é assim, de dezoito ou vinte e poucos anos, trinta, ainda se safam... agora uma pessoa que passa dos quarenta e cinco já praticamente está atada de pernas e mãos atadas, que já não há nada pra essas pessoas, nada, nada. É assim a vida.

Esta entrevistada revela uma história oral vivida no Centro de Emprego. No seu relato, a entrevistada demonstra não ter sido capaz de interpretar, de imediato, o ato de crítica e/ou censura, tendo, numa primeira fase, interpretado a intervenção do locutor produzido num local público de atendimento com o valor indireto de conselho. O ato de conselho vale como o assumir que o ato Q é do interesse do alocutário (condição essencial) ao contrário do ato de aviso que demonstra ao alocutário que o ato Q não é do seu interesse (Searle, 1984, p. 89).

Neste exemplo em análise, o final do enunciado contraria uma expectativa da entrevistada: através do conteúdo proposicional de indicação de um lugar num lar, a entrevistada verifica que se trata de um ato indireto de crítica e/ou censura. O valor comunicativo agregado ao enunciado relatado «Ó minha senhora, vá por aí abaixo devagarinho, pela beira, vá ao lar dar o nome, que você precisa daqui a pouco ir prò lar» é, por derivação ilocutória, de censura/crítica, apoiado na *doxa* de que a partir de uma determinada idade não é possível encontrar trabalho: o argumento apresentado tem por base a expectativa de que uma pessoa mais nova pode pedir emprego, mas não uma mais velha e com este argumento o locutor que o reali-

za ameaça fortemente a face positiva da entrevistada que relata este acontecimento. Em face da expectativa que foi contrariada, a entrevistada produz atos expressivos (Searle, 1984) de lamento: “Olhe que isto deixa as pessoas... Eu nem lhe digo! Nem lhe digo! Deus me livre!”

Este exemplo ilustra bem como as interpretações dos diversos *movimentos conversacionais* (no sentido de Goffman, 1987, p. 82) em interações verbais podem ser modificadas no decurso da interação.

5.6. HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA EM HISTÓRIAS DE VIDA CONTADAS EM SITUAÇÃO DE ENTREVISTA

ID: Entrevista RdA 13 MIC; Tipo: Inquiridos

Entrevistados: C. M.; Data: 23/11/ 2010; Local: Riba de Ave (Zona de Sampaio Ferreira);E: sexo feminino

e1: C. M.; e2: (filha); e3: (irmã)

e3: Vamos ver uma coisa acho que se recuarmos no tempo, quando era jovem, e eu já saí de Riba de Ave há... Acho que havia mais vida nessa altura do que aquela há agora. Porque havia a indústria apoiada pelos Ferreiras...

A irmã da entrevistada (e3) inicia a narração da sua própria *história de vida* com segmentos no Pretérito Imperfeito que, concomitantemente, com o Pretérito Perfeito permitem a *transposição fictiva* para um espaço alternativo (para um “lá-então”) ao mundo atual (Fonseca, 1992, p. 142), ao mesmo tempo que o locutor mantém a referência constante ao presente da enunciação, ao “aqui-agora”: “Acho que havia mais vida nessa altura do que aquela há agora”.

M. Lacoste assinala a *heterogeneidade enunciativa* como uma característica fundamental das “narrativas orais de experiência vivida”, exigindo uma análise local no contexto das relações interativas e interlocutivas particulares (1986, p. 51). Esta integração do narrativo na

interação é assinalada de diferentes modos: transições do “vós” para o “eu”, do presente para o passado. Verificamos, assim, nestas narrativas a ocorrência de segmentos no Imperfeito, que se reportam à narração, e segmentos no presente da enunciação, que visam um efeito de “visualização” do narrado, isto é, “um efeito de presentificação” que permite criar o envolvimento entre os participantes (Duarte, 2003).

Esta heterogeneidade enunciativa está patente na inscrição no edifício devoluto da empresa têxtil Sampaio Ferreira & C.^a Lda. : “Hoje servia, e amanhã?” A ancoragem deste enunciado no momento da enunciação (T0) é demonstrada pelo uso dos advérbios temporais “Hoje” e “e amanhã?”, este último realizado num enunciado com o valor ilocutório de pergunta aberta. O Pretérito Imperfeito, marca textual do modo de enunciação narrativo, apresenta uma marca temporal de passado e uma marca modal de irreal (Fonseca, F.I., 1992, p. 207) e ilustra o aspeto inacabado da ação. A heterogeneidade enunciativa é demonstrada pela ocorrência de marcas temporais características de dois modos de enunciação e/ou dois subsistemas temporais: o atual, ancorado no presente da enunciação, através da realização do advérbio “hoje” e o subsistema temporal inatual, transposto para a narração, associado à marca verbal de Pretérito Imperfeito do segmento “servia”.



«Hoje servia, e amanhã??». Inscrição no edifício devoluto da empresa têxtil Sampaio Ferreira & C.^a Lda. Riba de Ave, Famalicão. Fotografia: João Queirós (setembro de 2010).

6. CONCLUSÃO

De acordo com E. Goffman, a conversação tem uma estrutura interna: esta é constituída por vezes de elocução e/ou “movimentos conversacionais” que permitem “(...) tantos movimentos e contramovimentos afirmativos, vaivém ao qual o nome de *jogo mútuo* conviria, sem dúvida, mais do que o de diálogo” (1987, p. 82). Este jogo múto é desenvolvido tendo em consideração um cuidado trabalho de *figuração* que se reflete na realização indireta dos atos de discurso e na gestão de estratégias de discurso que visam efeitos relacionais. A análise de *histórias de vida* em contexto de entrevista numa região (des)industrializada do Norte de Portugal dominada pela vivência do desemprego, a relação distanciada em relação à Escola, o isolamento dentro de casa e o testemunho de uma vida com constrangimentos vários revela um dispositivo conversacional dominado por estratégias discursivas que denotam o *envolvimento conversacional* na interação. No dizer de P. Bourdieu, todas as formas de expressão rituais e as estratégias “(...) configuram uma certa pretensão para a luta simbólica como poder socialmente reconhecido de impor uma visão do mundo social, isto é, as divisões do mundo social” (2001, p. 156).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. A. O acto ilocutório de oferta em português. In FONSECA, J. (org.). A Organização e o Funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português. Tomo III, Porto: Porto Editora, 1998. p. 157-221.

_____. Convi(dar)te. Análise pragmática dos actos ilocutórios de oferta e convite em interações do quotidiano” in Cadernos de Ciências Sociais, nº 19/20, 2000. p. 199-236.

_____. Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas. Dissertação de Doutoramento em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa, Universidade Aberta, 2005.

_____. Processos de figuração e manutenção da ordem interaccional: estratégias de mitigação no quadro do sistema de delicadeza desenvolvido pelos participantes de programas de rádios específicos. In FIÉIS, A. COUTINHO, M. A. (Org.) Textos seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Colibri, 2009. p. 43-60; disponível em <http://www.apl.org.pt/docs/actas-24-encontro-apl-2008.pdf>.

_____. ‘(...) é um rapaz cheio de sorte, digo-lhe já (risos)’: o humor como estratégia discursiva de mitigação do conflito (potencial) em interações verbais na rádio. In BRITO et al. Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Porto: APL, 2010a. p. 127-142, disponível também em <http://www.apl.org.pt/apl-actas/xv-encontro-nacional-da-apl.html>.

_____. «se à sua imagem corresponder a beleza da sua voz, é fácil imaginar a razão pela qual não nos dá o sono nestas duas horas» (ouvinte do programa ‘Boa Noite’): a co-construção do sentido em programas de rádio nocturnos. In Ribeiro et al. (Org.) Imagens da Cultura. Textos Seleccionados do VI Seminário Imagem da Cultura, Cultura das Imagens. Ebook, Lisboa: CEMRI, Universidade Aberta, 2010b, pp. 122-130; disponível em: http://www.scribd.com/mobile/documents/56926889/download?commit=Download+Now&secret_password.

AMOSSY, R. (org.). Images de soi dans le discours : La construction de l’ethos. Paris : Delachaux et Niestlé, 1999.

ANDRÉ-LAROCHEBOUVY, D. La Conversation quotidienne. Paris : Didier, 1984.

ANTAKI, C.; WIDDICOMBE, S. (eds.). Identities in Talk. London: Sage, 1998.

BACELAR, M. F. *et al.*. Português fundamental, métodos e documentos. Tomo 1 - inquérito de frequência. Lisboa: INIC, CLUL, 1987.

BACELAR, M. F. Aspectos da sintaxe do português falado (repetições lexicais e de estruturas sintácticas em produções orais: fenómenos de deslocação. In Actas do congresso internacional sobre o Português. vol. I, Lisboa: A.P.L., Edições Colibri, 1996. p. 203-221.

- BOURDIEU, P. Langage et pouvoir symbolique. Paris : Fayard/Seuil, 2001.
- BRONCKART, J.-P. Activité langagière textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif. Paris : Delachaux et Niestlé, 1996.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. Universals in language Use: Politeness phenomena. In GOODY, E. (ed.), Questions and politeness: strategies in social interaction. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. p. 56-289.
- CAFFI, C. Aspects du calibrage des distances émotives entre rhétorique et psychologie. In PLANTIN, C. et al., (orgs.). Les émotions dans les interactions. Lyon : Presses Universitaires de Lyon, 2000. p. 89-104.
- COATES, J. Women talk. Conversation between women friends. Cornwall: Blackwell, 1996.
- _____ Men talk. Cornwall: Blackwell, 2003.
- COUPLAND, J.; JAWORSKI, A. Transgression and intimacy in recreational talk narratives. *Research on Language and Social Interaction*, 36, 1, 2003. p. 85-106.
- van DIJK, T. A. Introduction: dialogue as discourse and interaction. In van DIJK, Teun (ed.). *Handbook of Discourse Analysis: discourse and dialogue*. vol. 3. London: Academic Press., 1985. p. 1-11.
- DREW, P.; HERITAGE, J. (eds.). Talk at work: interaction in institutional settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 302-327.
- DUARTE, I. M. O relato de discurso na Crónica de D. João I (I Parte) de Fernão Lopes. In FONSECA, F. I.; BRITO, A. M.; DUARTE, I. M.; GUIMARÃES, J. (orgs.). *Língua Portuguesa: estruturas, usos e contrastes*. Volume Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Porto: CLUP, 2003. p. 185-198.
- DUCROT, O. Analyses pragmatiques. *Communications*, 32, 1980. p. 11-60.
- FONSECA, J. Linguística e Texto/ Discurso - teoria, descrição, aplicação. Lisboa: Ministério da Educação / Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- _____ Pragmática Linguística. Introdução, teoria e descrição do Português. Porto: Porto Editora, 1994.
- _____ (Org.). A Organização e o Funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português, Tomo III. Porto: Porto Editora, 1998.
- FONSECA, F. I. Deixis, Tempo e Narração. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1992.
- FRASER, B. Conversational mitigation. *Journal of pragmatics*, 4, 4, 1980. p. 341-350.

- de GAULMYN, M.-M. Les régulateurs verbaux: le contrôle des récepteurs. in COSNIER, J.; KERBRAT-ORECCHIONI, C. (eds.). *Décrire la conversation*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon, 1987. p. 203-223.
- GOFFMAN, E. *La mise en scène de la vie quotidienne*, 1, 2. Paris : Les Éditions de Minuit, 1973.
- _____ *Les rites d'interaction*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1974a.
- _____ *Frame analysis*. New York: Harper and Row, 1974b.
- _____ *Façons de parler*. Paris : Minuit, 1987.
- GRICE, H. P. *Logic and conversation*. COLE, P.; MORGAN, J. L. (eds.). *Syntax and semantics 3: speech acts*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.
- GUMPERZ, J. *The sociolinguistic basis of speech act theory*. *Versus, quaderni di studi semiotici*, 26/27, 1980, p. 101-121.
- _____ *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- _____ *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*. La Réunion : L'Harmattan, 1989.
- HELLER, M. *Discourse and interaction*. In SCHIFFRIN, D. et al. (eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Oxford/ Massachusetts: Blackwell, 2001. p. 250-264.
- HERITAGE, J. *A change-of-state token and aspects of its sequential placement*. In ATKINSON, J.M.; HERITAGE, J. (eds.). *Structures of social action. Studies in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 299-345.
- HERITAGE, J. G., *Garfinkel and conversation analysis*. In WETHERELL, M. *et al.* *Discourse theory and practice. A reader*. London: Sage, 2001. p. 47-56.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'implicite*. 2^{ème} édition. Paris : Armand Colin, 1986.
- _____ *La description des échanges en analyse conversationnelle: l'exemple du compliment*. *DRLAV*, 36-37, 1987. p.1-53.
- _____ *Les interactions verbales. II*. Paris : Armand Colin, 1992.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Rhétorique et pragmatique : les figures revisitées*. In *Langue Française*. Vol. 101, 1994. p. 57-71.
- _____ *Les interactions verbales. I.*, 3^{ème} édition. Paris : Armand Colin, 1998.
- _____ *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*. 4^{ème} édition. Paris : Armand Colin, 1999.

_____ Les actes de langage dans le discours. Paris : Nathan, 2001.

_____ Introducing polylogue. In *Journal of pragmatics*. vol. 36, 1, 2004. p. 1-24.

_____ Le discours en interaction. Paris : Armand Colin, 2005.

LACOSTE, M. La narrativisation dans une situation d'interview. In *Études de Linguistique Appliquée*, 36, 1986. p. 50-62.

LAVER, J. Linguistic routines and politeness in greeting and parting. In COULMAS, F. (ed.). *Conversational routine. Explorations in standardized communication situations and prepatterned speech*, The Hague: Mouton, 1981. p. 289-304.

MITCHELL, K. Illocutionary acts in a pedagogical description, the grammar of requests and offers. In RICHTERICH, R.; WIDDOWSON, H.G. (eds). *Description, présentation et enseignement des langues*. Paris: Hatier Credif, 1981. p. 103-119.

NORRICK, N. R. *Conversational Narrative. Storytelling in everyday talk*. Amsterdam/ Philadelphia : John Benjamins, 2000.

NORRICK, N.R. Discourse and semantics. in SCHIFFRIN, D. et al. (eds.). *The handbook of discourse analysis*. 1. ed. Oxford/ Massachusetts: Blackwell, 2001. p. 76-99.

OCHS, E.; CAPPS, L. *Living Narrative. Creating lives in everyday storytelling*. Cambridge : Harvard University Press, 2001.

OCHS, E.; SCHEGLOFF, E. A.; THOMPSON, S. A. *Interaction and Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

PEDRO, E. R. À volta dos diminutivos. Uma análise contrastiva entre o português e o inglês. In *Actas do VIII encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 1993. p. 402-417.

RODRIGUES, C. C. A sequência discursiva pergunta-resposta. In Fonseca, Joaquim (org.). *A Organização e o Funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português*. Tomo II. Porto: Porto Editora, 1998. p. 11-220.

SACKS, H. *Lectures on conversation*. vol. I, II. Oxford/ Cambridge: Blackwell, 1995.

SARANGI, S.; ROBERTS, C. *Talk, Work and Institutional order. Discourse in medical, mediation and management settings*. Berlin, New York : Mouton de Gruyter, 1999.

SCHAEFFER, N. C.; MAYNARD, D. W. From paradigm to prototype and back again: interactive aspects of 'cognitive processing' in standardized survey interviews. In MOLDER, H. te ; POTTER, J. (ed.). *Conversation and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 114-133.

SCHEGLOFF, E. Presequences and indirection. Applying speech act theory to ordinary conversation, *Journal of pragmatics*, 12, 1, 1988. p. 55-62.

SCHIFFRIN, D. 'Speaking for another' in sociolinguistic interviews: alignments, identities, and frames. In TANNEN, D. (ed.). *Spoken and Written Language: exploring orality and literacy*. Norwood, Ablex: 1993. p. 231-260.

_____. *Approaches to Discourse*. Oxford: Blackwell, 1995.

_____. Discourse markers: language, meaning, and context. In SCHIFFRIN, D. et al. (eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. 1. ed., Oxford/ Massachusetts: Blackwell, 2001, p. 54-75.

_____. *In other words. Variation in reference and narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. Introduction in SCHIFFRIN, D. *et al.* (eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. 1. ed. Oxford/ Massachusetts, Blackwell, 2001. p. 1-10.

SEARLE, J. R. *Os Actos de Fala*. Coimbra: Almedina, 1984.

SIFIANOU, M. The use of diminutives in expressing politeness: Modern Greek Versus English. *Journal of pragmatics*. 17, 2, 1992. p. 155-173.

TANNEN, D. (ed.). *Coherence in Spoken and Written Discourse*. Norwood: Ablex, 1986.

TANNEN, D. Introducing constructed dialogue in Greek and American conversational and literary narrative. In COULMAS, F. (ed.). *Direct and Indirect Speech*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p. 311-332.

_____. *Talking Voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

_____. The relativity of linguistic strategies: rethinking power and solidarity in gender and dominance. In Wetherell, M. *et al.*, *Discourse theory and practice. A reader*. London: Sage, 2001. p. 150-166.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: examples from a medical examination/interview. In TANNEN, D. (ed.). *Framing in discourse*. New York: Oxford University Press, 1993. p. 57-76.

TRAVERSO, V. *La conversation familière. Analyse pragmatique des interactions*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon, 1996.

ZIMMERMAN, D. H. Identity, context and interaction. In ANTAKI, C.; WIDDICOMBE, S. (eds.). *Identities in talk*. London: Sage, 1998. p. 87-106.